Evento Nacional enactus Brasil 2026
IV SIMPÓSIO NACIONAL EXTENSÃO
XI SNESEB
CAMPO GRANDE - MS
DE 21 À 24 DE JULHO DE 2025
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL

Mídias alternativas como tecnologia social: comunicação periférica e impacto socioambiental no Rio de Janeiro

Joyce Aparecida Andrade Quites[1]
Polyana Dias Mendes[2]

Resumo

O presente estudo investiga a comunicação periférica como tecnologia social em cenários de ruína contemporânea, com foco nas mídias alternativas que emergem nas periferias do Rio de Janeiro, especialmente na Baixada Fluminense e na Zona Norte. Esses territórios, marcados por precarização urbana, vulnerabilidade ambiental e desigualdade social, evidenciam os impactos desiguais da crise climática. A partir da noção de ruína de Anna Tsing (2022) e das teses de Dipesh Chakrabarty (2013) sobre o Antropoceno, o artigo compreende a comunicação como uma ecologia de sinais, afetos e práticas coletivas que envolve agentes humanos e não-humanos. O estudo centra-se em iniciativas de rádio comunitária, jornalismo digital de base e produção audiovisual, analisando como essas experiências operam na re-significação de problemas ambientais, sociais e simbólicos, ao mesmo tempo em que ampliam visibilidade, mobilização e empoderamento comunitário. Ao incorporar enchentes, degradação de rios e usos criativos de tecnologias, essas mídias constroem respostas territoriais frente às crises socioambientais, contribuindo para a compreensão da comunicação como inovação social voltada à redução de desigualdades.

Palavras-chave: tecnologia social; inovação social; comunicação periférica; impacto socioambiental

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe investigar a comunicação periférica em cenários de ruína contemporânea, com foco nas mídias alternativas que emergem em territórios das periferias do Rio de Janeiro, especialmente na Baixada Fluminense e na Zona Norte, entendidos como "zonas de ruína" nas quais se inscrevem dinâmicas de precarização urbana, vulnerabilidade ambiental e desigualdade social. Ao articular a noção de ruína de Anna Tsing (2022), que vê nesses espaços não apenas destruição, mas também lugares onde se deslocam e se recriam modos de vida multiespécies, e as quatro teses de Dipesh Chakrabarty (2013) sobre o clima como agente comunicacional que transcende as fronteiras entre história humana e história natural, este artigo entende a comunicação não apenas como troca de mensagens entre sujeitos

[1] Graduanda em Comunicação Social - Produção Editorial, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (joycequites30@gmail.com)
[2]Graduanda em Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (polyana.ferreira@discente.eco.ufrj.br)

humanos, mas como ecologia de sinais e afetos que envolve o ambiente, agentes não-humanos e as próprias marcas materiais do colapso.

Ao centrar-se em práticas de rádio comunitária, jornalismo digital de base, vídeo e redes sociais produzidos por coletivos e iniciativas locais na Baixada Fluminense e na Zona Norte, pretende-se mostrar como essas mídias alternativas atuam como instrumentos de re-significação de experiências ambientais, como enchentes, degradação de rios e ocupações; sociais, como violência e precariedade de serviços; e simbólicas, como estigmas e silenciamentos. Dessa forma, criam narrativas que dialogam com a temporalidade profunda do Antropoceno e com a lógica multiespécie que Tsing descreve em *O Cogumelo no Fim do Mundo*.

Essa comunicação periférica é compreendida como prática de resistência simbólica e de co-habitação, na medida em que incorpora elementos não-humanos, desde o mapeamento de áreas atingidas por cheias até usos criativos de tecnologias improvisadas, reconhecendo o planeta como mídia que responde e devolve sinais sobre as relações de poder e a crise socioambiental. Em dialogia com estudos de comunicação crítica e antropologia urbana, o tema busca oferecer uma base teórica e empírica para compreender como biofísico e sociocultural se entrelaçam nas narrativas e estéticas periféricas, apontando caminhos para uma ecologia da comunicação decolonial e resiliente em face das ruínas contemporâneas.

OBJETIVOS

Os objetivos deste estudo articulam-se de modo a aprofundar a compreensão das mídias alternativas periféricas como práticas comunicacionais em cenários de ruína contemporânea, considerando dimensões multiespécie e climáticas. O objetivo geral é analisar como iniciativas de rádio comunitária, jornalismo digital de base, produção audiovisual e mídias sociais na Baixada Fluminense e na Zona Norte do Rio de Janeiro funcionam como instrumentos de resistência simbólica, re-significação de experiências socioambientais e ecologia de comunicação em territórios marcados por precarização e vulnerabilidade. Para tanto, o estudo propõe, em primeiro lugar, contextualizar teoricamente os conceitos de “ruína contemporânea” e “planeta como mídia” a partir de Anna Tsing (2022) e Dipesh Chakrabarty (2013), mostrando como esses referenciais ampliam a noção de comunicação para além da troca entre sujeitos humanos, incorporando agentes não-humanos, sinais climáticos e marcas materiais do colapso.

Em seguida, pretende-se mapear práticas de mídia alternativa em localidades específicas da Baixada Fluminense e da Zona Norte, identificando iniciativas de comunicação que emergem em contextos de enchentes, degradação de rios, ocupações e outras expressões de vulnerabilidade ambiental e social. Outro objetivo é investigar, por meio de entrevistas e análise de conteúdos, os sentidos atribuídos pelos sujeitos periféricos às experiências de colapso urbano e ambiental, evidenciando como suas narrativas dialogam com a temporalidade profunda do Antropoceno e com lógicas multiespécie descritas por Tsing. Além disso, o estudo visa analisar estéticas, linguagens e tecnologias empregadas por

coletivos e produtores locais, de modo a compreender como formas de expressão – sejam sonoras, visuais ou textuais – se articulam para construir afetos e mobilizar redes de cuidado coletivo. Também se busca examinar de que modo elementos não-humanos (como rios, resíduos, espécies locais) são incorporados em práticas de comunicação periférica, reconhecendo o "planeta como mídia" que responde e envia sinais sobre as relações de poder e a crise socioambiental. Por fim, objetiva-se refletir sobre as implicações sociopolíticas e ambientais dessas práticas para uma comunicação decolonial e resiliente, propondo diretrizes que integrem perspectivas antroposóficas e climático-históricas em projetos de mídia comunitária no Rio, de modo a fortalecer a sustentabilidade e a capacidade de resistência desses territórios.

REVISÃO DA LITERATURA

1. Ruína contemporânea e comunicação multiespécie (Anna Tsing)

Anna Tsing argumenta que espaços degradados, as "ruínas do capitalismo", são zonas onde novas formas de vida emergem em meio à destruição, articulando interações entre humanos, microrganismos, plantas, animais e materiais remanescentes de processos econômicos hegemônicos. Essa noção é construída a partir de etnografias do fungo matsutake em paisagens perturbadas, onde a vida persiste em condições precárias e inesperadas, revelando "zonas de ruína" como "lugares de vida" (Tsing, 2022). Nessas zonas, a comunicação não se resume a trocas verbais ou mediadas por tecnologia, mas envolve uma ecologia de sinais ambientais, interações multiespécie e memórias materiais do colapso capitalista, que se manifestam em narrativas e práticas coletivas de sobrevivência e recomposição. A partir desta perspectiva, comunicar em contextos de ruína implica reconhecer que o ambiente (rios degradados, enchentes, restos de construções, resíduos) funciona como coautor de narrativas: sinalizações visuais, sonoras e mesmo olfativas se integram às vozes humanas para produzir sentidos situados. A "arte de perceber o mundo" proposta por Tsing, uma metodologia que mistura etnografia e história ambiental para notar composições multiespécie, incentiva pesquisadores a prestar atenção às interações inesperadas entre agentes, à contingência dos encontros e às histórias de vida que surgem em meio à precariedade. Em territórios periféricos do Rio de Janeiro (Baixada Fluminense e Zona Norte), a perspectiva de Tsing sugere observar como iniciativas de mídia incorporam elementos ambientais: cobertura de enchentes em rádios comunitárias, vídeos que mostram rios poluídos e fauna urbana, narrativas que mencionam resíduos e usos improvisados de tecnologia em espaços degradados. Esses sinais não-humanos fazem parte da teia comunicacional, revelando ecologias de atenção que cruzam o vivo e o material em contextos de vulnerabilidade

2. Antropoceno e comunicação geofísica (Dipesh Chakrabarty)

Dipesh Chakrabarty propõe que o Antropoceno rompe a dicotomia entre história humana e história natural, exigindo reconhecer fenômenos climáticos e geofísicos como agentes comunicacionais que atravessam escalas temporais profundas. Sua formulação de

"quatro teses" destaca a necessidade de narrativas históricas que integrem memórias de eventos locais (enchentes, secas, desastres) com processos planetários de mudança climática, revelando uma temporalidade múltipla que conecta experiências imediatas a dinâmicas geológicas mais amplas. Para Chakrabarty, comunicar em tempos de Antropoceno implica situar vozes periféricas dentro de um "discurso planetário": eventos ambientais locais tornam-se evidências sensoriais do papel da espécie humana como força geológica, e as narrativas comunitárias sobre enchentes ou poluição de rios devêm peças centrais para compreender a interdependência entre vida urbana e processos climáticos globais. A distinção entre "globo" (construção humana de conexões) e "planeta" (sistemas da Terra que decemtralizam o humano) aponta para a importância de dar voz a comunidades afetadas, pois essas percebem sinais climáticos em seu cotidiano e podem traduzir experiências locais para reflexões planetárias. No recorte do Rio de Janeiro, territórios da Baixada Fluminense e Zona Norte sofrem enchentes recorrentes, poluição de rios e vulnerabilidades socioambientais que exemplificam a interseção entre o local e o global. Ao considerar essas experiências como comunicação geofísica, o estudo reconhece que mídias alternativas que relatam tais eventos oferecem narrativas que conectam o terreno imediato ao debate sobre Antropoceno, materializando percepções de crise climática em vozes periféricas.

3. Comunicação crítica e mídia alternativa na periferia carioca

a. Rádios comunitárias na Baixada Fluminense

Rádios comunitárias na Baixada Fluminense desempenham papel fundamental como espaços de comunicação cidadã e resistência, atuando em territórios marcados por precarização urbana e vulnerabilidades ambientais. Sousa & Mendonça documentam emissoras como Novos Rumos (Queimados), Serra Verde FM (Xerém, Duque de Caxias) e Mirandela FM (Nilópolis), destacando sua função de promover diálogos locais, engajar ouvintes e disputar narrativas sobre enchentes, saneamento e identidade territorial, contrapondo estigmas externos. Essas estações, ao veicular alertas sobre riscos de cheias, relatos de moradores sobre a relação com rios e discussões sobre degradação ambiental, atuam como canais que interligam experiências cotidianas a dinâmicas climáticas mais amplas. A perspectiva multiespécie e planetária aplicada a esses casos revela que a programação radiofônica traz às ondas não apenas vozes humanas, mas também sinais de ambientes fragilizados, por exemplo, sons de chuva intensa, ruídos de enchentes ou relatos sobre fauna urbana afetada, incorporados às narrativas locais.

b. Formação de comunicadores populares: ESPOCC na Zona Norte

A Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC) forma jovens e adultos de favelas do Rio de Janeiro em produção audiovisual, jornalismo e disciplinas de comunicação popular, com ênfase em contra-hegemonia. Ao capacitar moradores para narrar suas realidades, a ESPOCC cria laboratórios de atenção que incluem aspectos ambientais: projetos de registro de enchentes, mapeamento de degradação de áreas verdes e poluição de rios, além de práticas de cineclube e produção digital que destacam relações multiespécie e percepções climáticas locais. Nesse sentido, a formação oferecida por ESPOCC articula técnicas de comunicação a

sensibilidades ecológicas: jovens comunicadores aprendem a captar sinais ambientais (ruídos de enchentes, impactos de resíduos) e a traduzir tais experiências em narrativas que conectam o local ao planetário, evidenciando a lógica do Antropoceno em contextos periféricos

c. Jornalismo comunitário e plataformas digitais de base

Iniciativas como o jornal "Voz das Comunidades" no Complexo do Alemão exemplificam jornalismo de base que disputa narrativas dominantes, ao relatar crises locais de violência, enchentes e falta de serviços públicos por meio de websites, redes sociais e edição impressa. As publicações frequentemente documentam enchentes, esgoto a céu aberto, poluição de rios e impactos ambientais no cotidiano dos moradores, traduzindo experiências imediatas em denúncias que ressoam tanto localmente quanto em debates mais amplos sobre crise urbana e climática.

Essas plataformas digitais se tornam mídias alternativas que mapeiam sinais ambientais, conectando experiências periféricas a narrativas planetárias. Ao incorporar relatos de vítimas de enchentes, registros de rios contaminados e iniciativas comunitárias de recuperação ambiental, o jornalismo de base atua como prática comunicacional geofísica, alinhada às teses de Chakrabarty, e como ecologia multiespécie na linha de Tsing, ao reconhecer o ambiente como interlocutor nas narrativas.

4. Integração dos referenciais: ecologia da comunicação periférica

A integração dos referenciais teóricos de Anna Tsing e Dipesh Chakrabarty com os estudos de comunicação periférica no Rio de Janeiro resulta em uma abordagem que concebe a comunicação como uma ecologia complexa, na qual agentes humanos e não-humanos interagem em contextos de vulnerabilidade socioambiental. A perspectiva de Tsing sobre "zonas de ruína" enfatiza que espaços marcados pela degradação urbana e ambiental não são apenas cenários de destruição, mas locais onde surgem redes de vida e práticas comunicacionais multiespécie, nas quais resíduos, rios poluídos, enchentes e fragmentos de construções se tornam co-autores de narrativas. Em paralelo, as quatro teses de Chakrabarty sobre o Antropoceno ressaltam que eventos climáticos e geofísicos funcionam como sinais comunicacionais que atravessam temporalidades locais e planetárias, exigindo narrativas que articulem experiências imediatas de comunidades vulneráveis a processos globais de mudança climática.

No contexto da Baixada Fluminense e da Zona Norte do Rio de Janeiro, iniciativas de mídia alternativa, como rádios comunitárias que veiculam alertas sobre riscos de cheias e relatos sobre a relação entre moradores e rios, formações em comunicação popular como ESPOCC que treinam jovens para captar sensibilidades ambientais em suas produções audiovisuais e plataformas de jornalismo comunitário que documentam enchentes, poluição de rios e impactos sociais ilustram como práticas comunicacionais periféricas incorporam elementos não-humanos e temporalidades climáticas em suas narrativas. Essas iniciativas evidenciam que a precariedade dos territórios não é apenas contexto a ser denunciado, mas material simbólico que alimenta a estética e a ética da comunicação: gravações de chuva

intensa em transmissões de rádio, vídeos que mostram áreas alagadas e imagens de fauna urbana afetada tornam-se componentes centrais de produções que conectam a vida cotidiana local às dinâmicas planetárias do Antropoceno.

Desse modo, propõe-se uma ecologia da comunicação periférica na qual a sensibilidade multiespécie e a visão planetária se entrelaçam a práticas comunicacionais críticas: reconhecer que o ambiente atua como interlocutor e que os sujeitos periféricos, ao narrar suas experiências de colapso urbano e socioambiental, estabelecem diálogos entre o local e o global. Nesse processo, o pesquisador adota uma etnografia sensível aos sinais ambientais, capturando como sons de enchentes ou imagens de resíduos são mobilizados em programas de rádio comunitária e produções audiovisuais, e uma análise de conteúdo que valoriza a presença de elementos não-humanos como componentes ativos na construção de sentido. Esse enfoque permite compreender como as mídias alternativas na Baixada Fluminense e na Zona Norte se configuram como práticas de resistência simbólica e de co-habitação ecológica, promovendo narrativas de resiliência e cuidado coletivo em face das ruínas contemporâneas e das crises climáticas. Por fim, a ecologia da comunicação periférica aponta para diretrizes decoloniais e colaborativas: valorizar saberes locais sobre ambientes vulneráveis, incorporar vozes não-humanas nas narrativas e conectar territórios marginalizados às discussões planetárias, contribuindo para práticas de mídia comunitária mais sustentáveis e engajadas na construção de futuros possíveis.

METODOLOGIA

A metodologia adotada baseia-se exclusivamente em pesquisa documental e análise de conteúdo multimodal, sem realização de trabalho de campo presencial. Inicialmente, realiza-se revisão bibliográfica sistemática em bases acadêmicas e em repositórios de organizações locais, empregando termos como “rádio comunitária Baixada Fluminense”, “mídia alternativa Zona Norte Rio” e “Antropoceno comunicação periférica”. Essa etapa fundamenta a compreensão teórica a partir de autores centrais: Anna Tsing para “zonas de ruína” e Dipesh Chakrabarty para comunicação geofísica no Antropoceno. Complementam-se estudos empíricos disponíveis: análises sobre rádios comunitárias na Baixada Fluminense, a experiência da ESPOCC na Zona Norte e reportagens de jornalismo comunitário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise documental de iniciativas de mídia alternativa em “zonas de ruína” periféricas (Baixada Fluminense e Zona Norte do Rio de Janeiro) evidencia alguns pontos centrais. Em primeiro lugar, confirma-se que o abandono ou negligência estatal em prover serviços básicos e infraestrutura cria condições de vulnerabilidade socioambiental que caracterizam essas áreas como “zonas de ruína”. Esse esvaziamento das instâncias oficiais reforça a necessidade de formas autônomas de articulação e visibilidade, historicamente observadas em trajetórias de imprensa alternativa na Baixada desde a década de 1970 (SOUSA; MENDONÇA, 2020).

Em segundo lugar, as mídias alternativas analisadas, sobretudo rádios comunitárias, plataformas digitais de base e produções audiovisuais acessíveis publicamente, emergem

como instrumentos de crítica e resistência simbólica ao modelo capitalista que explora e marginaliza essas regiões. Ao veicular alertas sobre riscos ambientais (enchentes, poluição de rios) e ao disputarem narrativas estigmatizantes, essas iniciativas atuam como canais vitais de informação e mobilização coletiva, oferecendo escuta situada e empoderamento para moradores. Assim, evidencia-se que, diante do esvaziamento estatal, a comunicação alternativa preenche lacunas práticas (alertas, orientações de sobrevivência) e simbólicas (resignificação de territórios, construção de identidade coletiva), subvertendo a lógica de invisibilidade e exploração imposta pelo capitalismo hegemônico.

O referencial de Anna Tsing ilumina que, nessas "zonas de ruína", não se trata apenas de destruição, mas de lugares onde emergem redes de vida e interações multiespécie, incluindo a apropriação de sinais ambientais nas narrativas. A análise documental mostra que programas de rádio e vídeos comunitários frequentemente incorporam sons e imagens de enchentes, narrativas sobre comportamento de rios e consequências socioambientais, aproximando a comunicação de uma ecologia de atenção que reconhece agência de eventos não-humanos.

Simultaneamente, a perspectiva de Dipesh Chakrabarty ressalta que essas experiências locais de crises ambientais — enchentes recorrentes, degradação de corpos d'água e riscos climáticos — são manifestações concretas do Antropoceno e devem ser comunicadas como parte de um discurso planetário que denuncia a produção desigual de riscos pelo capitalismo (CHAKRABARTY, 2013). As mídias alternativas, ao trazerem vozes periféricas para este diálogo, atuam como comunicação geofísica, conectando o local às dinâmicas globais de mudança climática e injustiça ambiental.

Em conjunto, tais achados indicam que as mídias alternativas nas periferias funcionam como práticas de resistência comunicacional: expõem falhas estatais, contestam discursos hegemônicos e promovem redes de cuidado coletivo em contextos de precarização. Ao mesmo tempo, ao integrar elementos ambientais em seus discursos e formatos — como sons de chuva intensa, imagens de áreas alagadas e relatos sobre fauna urbana afetada —, criam narrativas que subvertem fronteiras entre humano e não-humano, alinhando-se à noção de ecologia da comunicação multiespécie. Esse duplo movimento, de resistência simbólica ao capitalismo e de construção de uma escuta planetária, reforça o papel político das mídias alternativas como espaços de denúncia, afirmação de direitos e co-habitação em face das ruínas contemporâneas.

CONCLUSÃO

Embora os resultados se baseiem em análise documental e não em pesquisa de campo ativa, eles apontam para implicações importantes. É preciso reconhecer e fortalecer o potencial das mídias alternativas periféricas como agentes de justiça comunicacional e ambiental. Políticas públicas devem incorporar o diálogo com essas iniciativas para enfrentar o abandono estrutural e construir mecanismos de apoio que valorizem práticas de comunicação de base.

Além disso, investigações futuras podem aprofundar aspectos multiespécie e do Antropoceno em contextos de vulnerabilidade, mesmo a partir de fontes documentais, ampliando a compreensão sobre como territórios marginalizados resistem e se reinventam por meio da comunicação.

REFERÊNCIAS

Tsing, Anna Lowenhaupt. *O Cogumelo no Fim do Mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Tradução: Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

Chakrabarty, Dipesh. "O clima da história: quatro teses". *Revista Sorpo*, n. 91, 2013.

Sousa, Sandra Sueli Garcia de; Mendonça, Nathália de Souza. "Rádios comunitárias na Baixada Fluminense: comunicação local em movimento". *Revista De Comunicação Dialógica*, (4), jul./dez. 2020. e-publicacoes.uerj.br

Coutinho, Eduardo Granja; Paiva, Raquel. "Escola Popular de Comunicação Crítica: uma experiência contra-hegemônica na periferia do Rio de Janeiro". *E-Compós*, 2007. e-compos.org.br

Observatório de Favelas. "ESPOCC – Escola Popular de Comunicação Crítica". Disponível em Observatório de Favelas, 2025. observatoriodefavelas.org.br

SCHMIDT, Selma. Jornal "Voz da comunidade" completa 16 anos com tiragem 150 vezes maior: "Conseguimos virar referência", diz Rene Silva. O Globo, Rio de Janeiro, 13 ago. 2021. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/jornal-voz-da-comunidade-completa-16-anos-com-tiragem-150-vezes-maior-conseguimos-virar-referencia-diz-rene-silva-1-25153380?. Acesso em: 17 jun. 2025.